
Adaptação docente ao ERE: Desafios e a adoção de metodologias ativas¹

Gláucia Silva BIERWAGEN²
Roberta Takahashi SOLEDADE³

Universidade de São Paulo, São Paulo - SP

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar, do ponto de vista educacional, pesquisas e experiências recentes ocorridas no contexto do Ensino Remoto Emergencial no Brasil durante os anos pandêmicos de 2020 e 2021 visando relatar a adaptação da prática escolar a partir da percepção dos docentes. Na amostragem analisada, identifica-se que os desafios impostos remontam obstáculos que antecedem aos tempos de Covid-19, e apontam a pouca oportunidade para formação dos professores e às limitações sócio-econômicas que permeiam a realidade da educação brasileira. E com base em relatos de propostas educativas embasadas nas metodologias ativas, há oportunidade de fortalecer os ecossistemas educacionais favorecendo novas práticas nas interações remotas e presenciais.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Remoto Emergencial; Metodologias Ativas; Adaptação docente; Educação.

Introdução

Durante o isolamento sanitário iniciado em 2020, as redes de ensino municipais, estaduais e federal brasileiras tiveram de interromper as aulas presenciais e fechar escolas, faculdades e universidades como providência para suprimir aglomerações, uma das principais maneiras de contágio do Covid 19. Dessa forma, os processos e percursos propostos em ambientes de escolarização foram alterados, passando a ser utilizados

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação (ECA/USP). Mestre em Educação (FE-USP), pesquisadora do grupo Mediações Educativas (MECOM), especialista em *Design* Instrucional (UNIFEI), graduada em Pedagogia pela USP e Tecnologia em Informática pela FATEC-UNESP. E-mail: galsilv@gmail.com

³ Mestranda do PPGCOM – ECA/USP sob orientação do Profº Dr. Adilson Odair Citelli, pesquisadora do grupo Mediações Educativas (MECOM), graduada em Letras Português/Inglês pela USP, especialista em Educação à distância pelo SENAC, MBA em Administração de Empresas pela FGV. E-mail: roberta.soledade@usp.br

meios e procedimentos emergenciais para propiciar a comunicação, aulas e atividades pedagógicas *online* e a distância, designadas de Ensino Remoto Emergencial (ERE), para os mais de 47 milhões de estudantes brasileiros em todas as etapas da Educação Básica – creche, educação infantil, ensino fundamental ciclos I e II, ensino médio - e mais de 6 milhões de alunos no Ensino Superior (INEP, 2019; TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2020).

Dentre as estratégias empregadas que estiveram em curso salientamos: a produção de materiais impressos enviados aos estudantes⁴, programas de aulas síncronas e assíncronas, *lives* transmitidas por televisões educativas e *internet*, uso de ambientes virtuais de aprendizagem como *Google Classroom*, *Moodle*, dentre outros; ferramentas de comunicação síncrona como *Google Meet*, *Zoom*, *YouTube* para execução de aulas à distância e aplicativos como o *WhatsApp* para comunicação com famílias e estudantes. No Estado de São Paulo, por exemplo, houve empenho na produção de aulas das disciplinas do Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio que foram divulgadas pela TV Cultura e TV Univesp, através da plataforma *YouTube*.

Importante destacar que tais procedimentos e recursos não atenderam a todos os estudantes, o que evidenciou o "abismo", por assim dizer, nas políticas educacionais brasileiras, entre os que têm acesso às tecnologias e redes de conexão e os que não possuem. Conforme pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) é um grande desafio para o país ter estudantes em situações desiguais de acesso à educação, sem condições básicas (equipamentos necessários para transmissão de dados, acesso à *internet* ou a TV digital) para acompanhar as atividades de ensino remoto durante o período de isolamento social (IPEA, 2020).

Neste cenário, os educadores tiveram que modificar de modo rápido suas práticas de aula, aprender a usar programas diversos e alterar as formas de comunicação com os estudantes para: gravar videoaulas, atuar nos ambientes virtuais de aprendizagem, produzir e editar vídeos, se comunicar com estudantes por meio de redes sociais, só para citar alguns exemplos. Neste artigo, pretendemos destacar as percepções dos professores sobre os desafios do Ensino Remoto Emergencial e a busca por

⁴ Embora, possamos considerar louvável tal ação, não podemos dizer propriamente que se caracterize um processo de ensino e aprendizagem que envolva interação entre educadores e estudantes. Neste caso, tal ensino se enquadraria mais em ensino domiciliar ou *homeschooling*, no qual, um familiar seria responsável em acompanhar e auxiliar nas tarefas dos materiais impressos.

soluções mediante o uso de metodologias ativas. Mas, antes, se faz necessário entender o que é a educação à distância, ERE e o processo educativo por meio das metodologias ativas.

Educação a distância, Ensino Remoto Emergencial e as Metodologias Ativas

A modalidade de *Educação à Distância* (EaD) foi regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96, e por meio da Portaria do MEC nº 2.117/2019 foi permitido que as Instituições de Ensino Superior (IES) disponibilizassem até 40% de cursos/disciplinas de forma integral ou parcial, combinando e mesclando ensino presencial e à distância - ensino híbrido. A EaD possui especificidades tais como formação docente, infraestrutura, Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) e recursos de comunicação, dentre outros. Além disso, os conteúdos são compostos por múltiplos recursos - vídeos, textos, imagens, animações, enquetes, avaliações, exercícios com resposta automática, plataforma para escrita colaborativa, etc. - e possibilidades de interação - fórum, *chat*, *e-mail*, plataformas de webconferência - com colegas e educadores de modo síncrono e assíncrono.

As estratégias emergenciais de ensino/aulas remotas, o *Ensino Remoto Emergencial* (ERE), legalizadas pela Portaria nº 343/2020 e regulamentada pela a Lei nº 14.040/2020 são uma espécie de rearranjo de técnicas, recursos e formação do ensino presencial para meios virtuais, considerando que após a pandemia as aulas voltem ao formato presencial. Para Hodges *et al.* (2020) o ERE trata-se de uma mudança temporária dos processos de ensino e aprendizagem regulares direcionados por legislações específicas devido às circunstâncias de crise, como é o caso da pandemia de Covid 19. Huges *et al.* (2020) e Arruda (2020) entendem que o ERE tem caráter provisório e não deveria utilizar a infraestrutura escolar típica do presencial e sim, fornecer um sistema de apoio aos educadores e estudantes.

Contudo, após quase um ano e meio de pandemia, até o momento de produção deste artigo, as estratégias empregadas nas escolas, faculdades e universidades estão ainda indefinidas e parecem caminhar para um formato híbrido, isto é, combinando o presencial e à distância nos processos de ensino e aprendizagem. Os educadores, estudantes e responsáveis puderam comprovar que as atividades remotas demandam dos envolvidos um papel mais ativo. No caso dos estudantes, ter uma postura mais

autônoma em relação à busca e uso de materiais no ambiente *on-line* e fazer as tarefas sem um educador presente - especificamente no ensino infantil e nos primeiros anos do fundamental. Isso revelou ser um grande desafio, voltando-nos para a discussão do emprego das metodologias ativas, que já existia mesmo antes das medidas emergenciais de ensino, e se faz uma opção interessante por construir uma cultura de ensino-aprendizagem baseada na autonomia do alunado.

As metodologias ativas têm sua origem nos estudos teóricos de Rousseau, Dewey, Freinet, Freire, Vygotsky, Kaplún e outros. Consideramos pelo menos três séculos de construções teóricas e práticas realizadas com outras nomeações, como o movimento da Escola Nova ou ativa, na primeira metade do século XX. Os autores citados anteriormente, preconizavam a construção do conhecimento individual e coletivo orquestrado por um docente mediador das propostas pedagógicas.

Moran (2018, p. 4) define metodologias como “diretrizes, que orientam os processos de ensino e aprendizagem, que se concretizam em estratégias, abordagens e técnicas específicas e diferenciadas”. O emprego das metodologias se diferenciam no papel em que os educadores e os estudantes exercem, ora ativos ou passivos. Na concepção das metodologias ativas, o papel do professor passa a ser de um curador de conteúdos, ou seja, selecionador e orientador de conhecimentos, de modo a conduzir os estudantes a atingirem aprendizados que não conseguiriam sozinhos (VYGOSTSKY, 1993). E os discentes devem ser incentivados a pesquisar e a percorrer seu próprio trajeto educativo de um modo guiado pelo educador, mas ao mesmo tempo, que possibilite que ele desenvolva suas habilidades. Ou seja, os estudantes e professores têm papel ativo em todo o processo educativo.

Além disso, Moran *et al.* (2015) enfatizam a necessidade da (1) personalização, ou seja, uma aprendizagem adaptada aos ritmos e necessidades de cada estudante, entendendo os seus projetos de vida, suas motivações, seus percursos individuais e as suas produções conforme suas habilidades. Compactuando com os processos comunicativos - autonomia e protagonismo docente e discente, processos democráticos e emancipatórios da escola - (SOARES, 2011). Moran defende o incentivo ao discente na produção de conteúdos, agregando tecnologias para produzir, selecionar materiais textuais, audiovisuais, impressos e/ou digitais, e disponibilizar os conteúdos em diferentes plataformas (aplicativos, redes sociais, etc.).

Outro ponto destacado por Moran *et al.* (2015) é (2) a aprendizagem por pares, ou seja, grupos de interesse, presenciais ou virtuais (espaços-tempos híbridos), que compartilham aprendizados, conhecimentos, auxiliam em dúvidas, trazem novos pontos de vista e favorecem novas experiências que ampliam o conhecimento.

Moran *et al.* (2015), salientam a aprendizagem através da (3) orientação com profissionais mais experientes – tutores e mentores. Nesta ótica, tais docentes desempenham papel essencial de curadores de conteúdos e desenvolvedores de estratégias de aprendizagem, com o objetivo de auxiliar os estudantes a avançarem na aprendizagem e levá-los a novos questionamentos, investigações e caminhos a serem percorridos. Para alguns autores, o professor como profissional com experiências a comunicar atuará:

[...] como orientador das atividades do aluno, consultor, facilitador, planejador e dinamizador de situações de aprendizagem, trabalhando em equipe com o aluno e buscando os mesmos objetivos. Em resumo: ele vai desenvolver o papel de mediador pedagógico (MORAN, MASETTO, BEHRENS, 2015, p. 142).

Na visão de Valente *et al.*, tais mudanças no papel do educador e do aluno exige profundas mudanças culturais na escola, em todas as suas dimensões: infraestrutura, reconfiguração do projeto pedagógico, transformação comunicativa-educativa na escola, formação docente, gestão, a abertura ao diálogo com a comunidade em seu entorno comunidade e mobilidade (VALENTE, ALMEIDA, GERALDINI, 2017). Filatro e Cavalcanti (2018) complementam que as metodologias ativas tem um forte viés humanista e destacam as abordagens como a aprendizagem baseada em problemas, aprendizagem baseada em projetos, movimento *maker*, instrução por pares, alunos como *designers* e *design thinking*.

Desse modo, durante a construção de um processo de ensino-aprendizagem ativo, contextualizado e significativo para os sujeitos, o movimento de educar e comunicar torna-se natural e cíclico, portanto, indissociável. O que coaduna com a os ecossistemas educomunicativos que alicerçam-se no pensamento freireano no qual “educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 2013, p. 46). Tal concepção prevê uma leitura que extrapola os símbolos

verbais e numéricos, pois intenciona proporcionar uma tomada de consciência para melhor interpretação do mundo, gerando sujeitos atuantes na transformação da sua realidade, por meio da “renovação das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de todos os seguimentos humanos, especialmente da infância e da juventude” (SOARES, 2011.p.15). Além disso, a busca e a luta por uma educação democrática e igualitária perpassa pela aplicação dos métodos ativos, nos quais o papel do educador e do discente é o de serem protagonistas na construção dos saberes, com responsabilidades compartilhadas, promovendo uma nova relação nas formas de educar e comunicar.

Mapeamento de percepções dos professores do ERE

Diante do desafio pandêmico imposto, os esforços para manter a rotina de estudos foram - e ainda são - necessárias, porém, algumas pesquisas evidenciam como os discentes descrevem, de forma geral, as experiências nessa modalidade, tal como o levantamento encomendado pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP) ao Vox Populi para saber a “Percepção de professores, pais e estudantes sobre os impactos da pandemia na escola pública do estado de SP e as aulas presenciais⁵” realizada entre junho e julho de 2021, entrevistando o total de 1500 professores, revelou que para 50,5% não houve oferta de estrutura considerada básica (internet, computadores, câmeras de vídeos etc), para 64% não houve suporte técnico para dúvidas em relação ao ambiente virtual, e ao serem questionados sobre os pontos positivos dessa experiência, para 5,1% foi a reinvenção na forma de se expressar e aprender sobre as TIC, para 3,6% usar a tecnologia para dar aulas mais dinâmicas (vídeos, fotos, etc) e para 60% não houve pontos positivos. Em relação aos pontos negativos, para 6,6% não houve orientação/suporte técnico por parte do governo, para 4,7% o material didático foi precário e para 44,3% não houve aspectos negativos. De modo geral, para 58,1% não foi ministrado nenhum tipo de treinamento e, para 49,2% trabalharam mais que no presencial, no entanto, para 65,6% há clareza que essa

⁵ Disponível em:

<http://www.apeoesp.org.br/publicacoes/pesquisa-2021/pesquisa-quantitativa-apeoesp-vox-populi-2021-2/>. Acesso em 04 de agosto de 2021.

modalidade prejudica o desempenho dos alunos e 66,9% apontaram que são aulas piores ou muito piores que no presencial.

Outro mapeamento denominado “Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do coronavírus no Brasil”⁶ realizado pelo Instituto Península que ouviu mais de 7 mil professores de todo o país, das redes municipais, estaduais e particulares do Ensino Infantil ao Ensino Médio, entre março de novembro de 2020⁷, 88% dos professores afirmaram que nunca tinham dado aula de forma virtual antes da pandemia, 84% não se sentiam preparados para o ensino remoto, 75% gostariam de receber apoio e treinamento neste sentido, e há um dado comparativo que ilustra a mudança de perspectiva em relação ao uso das TIC em sala de aula, pois antes da pandemia apenas 57% tinham essa percepção, já durante a pandemia 94% dos professores indicaram que agora enxergam a tecnologia como muito ou completamente importante no processo de aprendizagem dos alunos, e para apenas 40% dos professores, os alunos estão evoluindo com o aprendizado em casa.

De modo geral, as duas pesquisas trazem o olhar dos professores e os desafios impostos por questões multifatoriais, como formação, infraestrutura, limitações de cunho econômico-social, ausência de cultura de estudo 100% digital entre outros.

As pesquisas supracitadas encontram ressonância no estudo realizado na rede municipal de São Paulo pela pesquisadora Bierwagen (2021) já em 2019, os docentes entrevistados, em suas falas, viam como essencial *a atualização em novos programas, aplicativos, linguagens midiáticas e novas tecnologias*, porque estes dispositivos e linguagens “[estavam] presentes no cotidiano de docentes e discentes”, e desejavam se “aproximar do cotidiano dos estudantes”, que nasceram em uma “era digital”. Além disso, neste período, 91,43% dos mestres entenderam que a formação para a comunicação e novas tecnologias contribuiria nas práticas em sala de aula; 4,08% consideraram que dependia da maneira como a formação fosse realizada; e 4,49% não responderam.

⁶ Disponível em:

<https://www.institutopeninsula.org.br/pesquisa-sentimento-e-percepcao-dos-professores-nos-diferentes-estagios-do-coronavirus-no-brasil/>. Acesso em 04 de agosto de 2021.

⁷ Destacamos que a pesquisa coletou dados e segmentou diferentes fases durante a pandemia no ano de 2020. A 1ª fase – estágio inicial 23/03 a 27/03/2020 3; a 2ª fase – estágio intermediário – 13/04 a 14/05/2020 4; a 3ª fase – estágio controlado – 20/07 a 14/08/2020 5; e a 4ª fase – estágio controlado e retomada- 16/11/ a 26/11/2020.

A rede municipal de São Paulo possui histórico de construção de políticas públicas de formação de docentes para a formulação de ambientes educacionais e de introdução de novas tecnologias e metodologias ativas, inclusive com currículo específico de Tecnologias para Aprendizagem. Contudo, com o isolamento social, no ano de 2020, devido à pandemia do Covid-19, as formações realizadas pelas escolas nesta rede passaram a ser feitas no formato *online*, via *Google Meet*, revelou-se ser um grande desafio e isso expôs “as limitações tecnológicas presentes na escola”, segundo um entrevistado. Isso também demonstrou na visão do participante que: de “uma hora para outra, as ferramentas digitais passaram de uma condição de coadjuvante para protagonista”, isto é, “uma mudança de *status* das TIC se fez perceptível para todos, inclusive, para o pós-pandemia”. Além disso, o professor indicou a necessidade de mudança de metodologias pelos professores para aquelas consideradas mais ativas. Mas, alertou que tal transformação não ocorre de uma hora para outra.

No início da pandemia, um dos participantes responsáveis pelas formações dos educadores em uma das escolas investigadas percebeu, após escuta dos docentes a partir de um formulário via *Google*, que estes desejavam ter mais formações para a criação de atividades com as “ferramentas digitais” - formulários interativos, jogos *online*, videoaulas, etc., além do estudo do emprego de metodologias ativas. Com a identificação das necessidades formativas docentes, nesta escola, como o grupo era heterogêneo, os coordenadores elaboraram formações, em dois níveis:

(1) a *primeira*, para os educadores que tinham mais conhecimentos dos recursos tecnológicos, - oferecendo oficinas de edição de vídeos, produção de jogos, criação de formulários, uso de plataformas como *Canva*, *WhatsApp*, *Instagram*, etc. -;

e

(2) a *segunda*, orientada àqueles com menos habilidades técnicas – recursos básicos do *Google Classroom*, como postar atividades, comunicação com estudantes e correção de atividades.

Nesta pesquisa foi levantada como hipótese que, existiam docentes “nativos digitais” com mais habilidades no uso das TIC, e os considerados “imigrantes

digitais”⁸ que precisam aprender a usar os recursos midiático-tecnológicos nas salas de aula, inclusive para empregá-los, em momentos excepcionais, como durante a pandemia da Covid-19. A condução pelos docentes mais proficientes no uso de recursos tecnológicos - não somente os docentes especialistas em tecnologias - foi positiva, segundo o entrevistado, porque “o professor tende a ter uma identificação maior com o seu colega”. Segundo o relato do participante, os educadores se sentiram mais confiantes e motivados, contudo, a falta de conectividade e de infraestrutura dos estudantes revelou-se ser um grande desafio no ensino remoto daquela escola. Uma participante disse que “em muitos lares de comunidades carentes havia apenas um celular para ser usado por toda a família”, dificultando o acesso dos discentes às atividades online. Nesta investigação foi importante identificar a atuação protagonista docente na formação dos seus pares ao intercambiar conhecimento.

As percepções docentes da pesquisa doutoral convergem com a visão docente detectada pela investigação feita pelo Instituto Península, a qual identificou que entre os legados da pandemia para a educação, 72% dos participantes consideraram a importância da tecnologia nos processos educacionais e a valorização da carreira docente pela sociedade. Além disso, na visão de 55% dos professores houve o surgimento de formas mais dinâmicas de estudar e aprender; para 54% importa a tecnologia na formação inicial do professor; e para 47% é importante o atendimento educacional especializado para o planejamento de estratégias mais acessíveis.

De modo geral, percebemos que os desafios para o uso de estratégias de ensino-aprendizagem mais dinâmicas antecedem a pandemia e perpetuam-se na rotina do ERE. A falta de preparo somada ao desejo dos docentes de aprender mais sobre o uso das TIC estabelecem um ambiente propício para transformações no ambiente escolar, porém, conforme reconhecido por eles, é preciso alterar uma cultura educacional. A seguir, o objetivo será compartilhar duas experiências que podem oportunizar uma sala de aula - virtual e presencial - mais ativa.

⁸ Conforme as definições de Mark Prensky (2001), os ‘nativos digitais’, são pessoas, que nasceram, a partir da década de 1980, e viveram com as tecnologias de informação e comunicação presentes em sua vida. Os ‘imigrantes digitais’ nasceram antes da década de 1980.

Experiências com Metodologias Ativas

Em pesquisas recentes, há relatos que demonstram o crescente interesse pelo uso das metodologias ativas e com resultados animadores, tal como a iniciativa da educadora Suéller Costa, vencedora do prêmio Destaque Educação 2020⁹, premiação que evidenciou ações realizadas no ensino remoto por educadores das redes pública e privada do Brasil. A educadora inscreveu o projeto denominado “*Coronavirus Around the World*” realizado nas aulas de Língua Inglesa lecionadas com turmas do 1º ao 5º ano da Escola Municipal Celia Leonor Lopes Lunardini, localizada em Guararema, interior de São Paulo.

O projeto foi composto por várias fases e utilizou diversas plataformas comunicativas contando com a participação ativa dos alunos e o incentivo das famílias. A proposta teve como objetivo abordar, em inglês, os sintomas, hábitos de higiene, orientações e recomendações acerca da prevenção ao Covid-19. Foram realizadas videoaulas com o vocabulário, os alunos produziram atividades para explorar este vocabulário e fizeram um desenho com uma frase de apoio para o combate do vírus. Esse conteúdo introdutório, foi transformado no *e-book* “*Coronavirus Around the World*”, que traz uma história sobre o vírus, sua viagem pelo mundo, as formas de prevenção e orientações importantes. A publicação é dividida em duas partes: “*The Invisible Enemy*” e “*Let’s Win This Fight*” e foi escrita com base no repertório das crianças, tendo como personagem principal o vírus causador de tantas transformações na rotina escolar. Logo após a leitura, os alunos responderam a um *quiz* sobre a publicação.

Em uma outra etapa, a temática foi ampliada com uma nova videoaula sobre o vocabulário e a produção de quatro jogos *on-line*, cada um referente às expressões aprendidas. Para finalizar, os alunos foram incentivados a escolher uma das frases estudadas ao longo de todo este processo e produzirem vídeos. Falando em inglês, os estudantes compartilharam suas performances ressaltando os protocolos de higiene e promovendo uma campanha de conscientização para evitar a disseminação do vírus.

⁹ Matéria completa disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1ashIBCsq4I>. Acesso em 09 de agosto de 2021.

Os vídeos foram compartilhados entre as salas de aula para engajar as turmas e ressaltar a importância desses novos hábitos.

Para encerrar o projeto, as famílias de todas as turmas foram convidadas a participar do vídeo “*It’s Gonna Be Ok*”. Juntos, em seus lares, produziram cartazes¹⁰ com a mensagem em inglês, com o objetivo de compartilhar boas energias, além de esperança e positividade, acreditando que, independentemente das dificuldades, esta fase vai passar e “tudo ficará bem”. As imagens, junto aos desenhos produzidos pelos alunos no início das ações, foram unificadas para a produção do vídeo, como forma de agradecer o apoio das famílias ao longo deste período. Denota-se na proposta da educadora a autoria pessoal das atividades em estabelecer o percurso educativo dos estudantes, assumindo o papel ativo de mediadora ou orientadora das tarefas discentes, que por sua vez, foram estimulados a produzir cartazes e vídeos de conscientização e suporte psicológico para o enfrentamento do Covid 19. Ao reconhecer o empenho dos familiares na trajetória de aprendizado, foi oportunizada uma janela de diálogo embasada na realidade de muitos pais e responsáveis que precisam conciliar a rotina de trabalho remoto com o acompanhamento dos alunos nos estudos *on-line*, além de transmitir uma mensagem positiva tão necessária para a saúde mental em tempos de reclusão social.

Uma outra iniciativa denominada “Mapeamento de recursos para o uso de metodologias ativas no ambiente virtual de aprendizagem Moodle¹¹” publicada em 2020, tem como objetivo a formação técnica e pedagógica de professores universitários para a aplicação de metodologias ativas no ambiente virtual *Moodle* visando utilizá-lo para além do seu uso básico, que funciona como um repositório de materiais, meio digital para envio de tarefas, interação em fóruns, correção e troca de *feedbacks* das atividades entre professor e aluno. De acordo com esse estudo publicado por Silva (2020), é possível potencializar as estratégias de ensino-aprendizagem tornando-as mais ativas desde que sejam exploradas também outras funcionalidades do AVA, tais como a atividade “Laboratório de Avaliação” que permite a coleta, revisão e

¹⁰ As imagens da participação dos familiares podem ser vista na matéria:

<https://abpeducom.org.br/socia-da-abpeducom-recebe-premio-nacional-por-projeto-escolar-sobre-covid-19/>. Acesso em 09 de agosto de 2021.

¹¹ Artigo completo disponível em:

<https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1747/1383>. Acesso em 09 de agosto de 2021.

avaliação por pares e os estudantes têm a oportunidade de avaliar os trabalhos de seus colegas a partir de parâmetros definidos pelo professor e/ou construídos juntos com os alunos, e caso seja necessário o *feedback* entre pares, este pode ser feito anonimamente, eliminando aspectos afetivos que podem causar interferência na avaliação do trabalho.

Outro recurso que pode ser utilizado no *Moodle* na versão 3.8 é o *Badges* que é um opção de gamificação que, a partir da trilha formativa prevista para a turma ou individualizada por aluno, atribui um “emblema” - uma espécie de selo de reconhecimento - para o aluno quando uma competência é desenvolvida, fazendo uso de elementos de jogos para gerar maior engajamento e entendimento de onde o aluno se encontra no percurso de aprendizagem previsto para a disciplina estudada. O fato do *Moodle* ser gratuito e muito utilizado por redes escolares, um acompanhamento docente sobre as novas funcionalidades - pois é uma plataforma com atualizações constantes - e a apropriação desses recursos de forma didática podem transformar o AVA em um local de maior diálogo e interação por meio de estratégias que coloquem os alunos no centro das descobertas, evitando tanto a subutilização dos recursos tecnológicos quanto das metodologias de ensino.

Conclusão

O ensino remoto emergencial, sem dúvidas, trouxe desafios para todos os atores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem: escolas, professores, alunos e famílias. E, no âmbito proposto neste artigo, se fez relevante analisar brevemente as percepções dos professores sobre o fazer docente em meio a uma das maiores catástrofes sanitárias da atualidade, na qual afeta o fortemente o lado emocional da população, sobretudo no Brasil, onde não houve planejamento do governo federal para o enfrentamento da Covid-19, soma-se também a questão econômica e social que evidenciou, ainda mais, as desigualdades no país. Ao nos referirmos ao ERE, é preciso mencionar que estamos abarcando duas realidades bastante distintas: uma que se refere ao ensino público e outra ao privado, este último que - certamente - também encontra desafios, mas que consegue ter alunos com condições básicas de acesso a *hardwares* e conexão de *internet*. Diferente da realidade do alunado da rede pública de ensino, como visto nas

pesquisas do Instituto Península, APEOESP e na pesquisa de doutoramento de Bierwagen.

Para os professores, o sentimento de perda do fluxo de aprendizagem dos alunos ficou evidente quando 60% declararam que o ERE não trouxe aspectos positivos para o ambiente escolar, e mais da metade dos 1500 respondentes da pesquisa APEOESP sinalizaram falta de infraestrutura e suporte técnico, aspectos demasiado necessários para o exercício docente. O que pode se refletir nas baixas porcentagens em que apenas 5,1% dos professores alegaram que o momento atual traz uma oportunidade de reinvenção nas formas de expressar e ensinar com as TIC e apenas 3,6% indicaram que as tecnologias oportunizam aulas mais dinâmicas. Na pesquisa do Instituto Península, dos cerca de 7000 entrevistados, 84% não se sentiam preparados para o ensino remoto, 75% gostariam de receber apoio e treinamento neste sentido, e para 94% dos professores indicaram que agora enxergam a tecnologia como muito ou completamente importante no processo de aprendizagem dos alunos, dados que coadunam que as entrevistas com docentes realizadas por Bierwagen.

Em comum, temos uma amostragem considerável de professores que buscam por capacitação para adequar a práxis da sala de aula - virtual ou presencial - por meio de estratégias metodológicas que despertem o interesse dos alunos tornando-os ativos e não meros expectadores de aulas. E diante desse desafio, a criação de ecossistemas educacionais podem ser viabilizados pelo uso das metodologias ativas, que conforme os dois relatos mencionados, são capazes de instigar professores e alunos a repensarem as formas de construir o conhecimento, valorizando as descobertas, testando abordagens e gerando significado em todo o processo de ensino-aprendizagem. No exemplo da educadora Suéller, o tema sensível e contextualizado, alunos engajados durante todo o processo de construção do conhecimento e o envolvimento da família foram alicerces que garantiram alcançar o objetivo de aprendizagem proposto. No caso do estudo para formação de professores do ensino superior sobre as possibilidades do uso de metodologias ativas no ambiente virtual *Moodle* se mostra uma iniciativa que além de capacitar tecnicamente os docentes, também os instiga pelo viés criativo a descobrir formas de integrar metodologias e tecnologias para promover o percurso de aprendizagem.

Com a ERE notamos a urgência de fortalecer os sistemas de ensino e a política nacional educativa com ações formativas de educadores em princípios educacionais com o objetivo de incentivá-los na aplicação de metodologias ativas que privilegiam o protagonismo e sua própria autonomia e, também, a discente. Contudo, o fortalecimento de políticas públicas educativas deve englobar um conjunto de atuações de valorização do trabalho docente, de investimento em infraestrutura nas escolas, dos dispositivos tecnológicos do acesso e conectividade dos professores e estudantes.

Ao buscarmos uma Educação democrática e inclusiva, os objetivos educativos deveriam ser prioridades nas agendas políticas e governamentais brasileiras. Mas, constatamos isso? Durante o ano de 2020 e início de 2021, com a pandemia Covid 19, as escolas foram fechadas, e agora no momento da escrita deste artigo foram abertas. Contudo, pouco foi efetuado para favorecer o acesso ao ensino remoto, a reestruturação e o investimento em infraestrutura dessas instituições, a valorização e pouco apoio formativo aos docentes, os quais passaram a trabalhar remotamente, em seus lares. Certamente, houve iniciativas louváveis, como relatadas neste trabalho. Diante desse cenário, a pergunta que fazemos é: Qual é a Educação que buscamos? Se o objetivo é alcançar uma educação pública igualitária, de fato, na qual seu fortalecimento só se consolidaria, se essa fosse prioritária para o país, inclusive em momentos calamitosos.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, E. P. Educação Remota Emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso em: 10 jul. 2021.

CAVALCANTI, C. C.; FILATRO, A. **Metodologias inov-ativas na educação presencial, a distância e corporativa**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

INSTITUTO PENÍNSULA. Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do Coronavírus no Brasil. Disponível em: https://www.institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Pulso-Sentimentos_-dados-compilado.pdf Acesso em 07 de julho de 2021.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HODGES, C.; MOORE, S.; LOCKEE, B.; TRUST, T.; BOND, A. The Difference between emergency remote teaching and online learning. **Educause Review**, 2020. Disponível em:

<https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning#fn7>. Acesso em: 10 jul. 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Nota técnica nº 88**: Acesso domiciliar à internet e ensino remoto durante a pandemia. Diretoria de Estudos e Políticas Sociais. Brasília: IPEA, 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Sinopse Estatística da Educação Básica 2018**. Brasília: Inep, 2019. Disponível em <<http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Brasília, DF, 1996.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2015.

MORAN, J. M. Metodologias ativas para uma aprendizagem profunda. In: MORAN, José; BACICH, Lilian. (Org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

SÃO PAULO. **Currículo da Cidade**: Ensino Fundamental: Tecnologias para Aprendizagem. São Paulo: SME/COPEd, 2019. Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/47275.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

SILVA, V. C. MAPEAMENTO DE RECURSOS PARA O USO METODOLOGIAS ATIVAS NO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM MOODLE. **Anais do CIET:EnPED:2020 - (Congresso Internacional de Educação e Tecnologias | Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância)**, São Carlos, ago. 2020. ISSN 2316-8722. Disponível em: <<https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1747>>. Acesso em: 09 ago. 2021.

SOARES, I. O. **Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Editora Paulinas, 2011.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Anuário Brasileiro da Educação Básica 2020**. São Paulo: Editora Moderna, 2020. Disponível em: <https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/456.pdf?1969753478/=utm_source=content&utm_medium=site-todos>. Acesso em: 11 ago. 2021.

VALENTE, J. A.; ALMEIDA, M. E. B.; GERALDINI, Alexandra. F. S. Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 17, n. 52, p. 455-478, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/9900/12386>. Acesso em: 11 ago. 2021.

VYGOTKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.